

CIRCULISMO



**NOVO
CIRCULISMO**

Newton Zadra

Newton Zadra

**NOVO
CIRCULISMO**

Pesquisa de texto
Newton Zadra

Capa, projeto gráfico e editoração
Katia Maria Bortolazzi e Sergio Luiz Onório

Revisão ortográfica
Katia Maria Bortolazzi

Dedicatória

Dedico este trabalho ao amigo e companheiro João Rosa, bandeira fulgurante do Circulismo paulista. Sua presença constante na Federação é um porto seguro para todas as diretorias que por ali passaram. Suas palavras e recomendações são pérolas que guardamos com carinho e respeito.

João Rosa faz parte de um pequeno e seleto grupo que não se deixou corromper pelas mazelas da vida moderna. Nada conseguiu macular seu ideal de justiça social.

Mesmo beirando os 90 anos de idade, dos quais 60 dedicados ao Circulismo, João Rosa nos dá um exemplo diário de força, coragem e determinação.

Foi com seu indispensável apoio e colaboração que me dispus a escrever este trabalho.



Agradecimentos

Mesmo que ainda em caráter preliminar e sujeito ao escrutínio dos circulistas paulistas e brasileiros, este trabalho só se consumou com o apoio dos companheiros da Federação de Trabalhadores Cristãos do Estado de São Paulo e do Círculo de Trabalhadores de Vila Prudente.

FETCESP - João Rosa, José Faustino Junior, Silvia Cardona Kloss Selmikaitis (*in memoriam*), Renato Salvatore Chiantelli, Givaldo dos Santos, Clayr Rafannini Junior (*in memoriam*), José Joaquim do Nascimento (*in memoriam*), Rachel de Souza Yanes Arias, Valdenilson Alves Santos, Antonio Domingos Luchini, Maria Inês Colombo Lobo e Luiz Carlos Peruchi.

CTC Vila Prudente - Antonio Carrieri, Maldi Maurutto, Irineu de Mula, Domingos Sanches, Janaína Braga de Souza Valente, Cecília Pedro Barboza, Domingos Orestes Chiomento, Oldenil Zanoni, Emilio Carlos Pizzo, Maria Thereza Neves de Mello, Emir Pizzo, Marco Antonio Valezini, Salvador Patané, Gilson Rodrigues, José Luis Retondini, Roseli Maducci Correa.

Agradeço também a Katia Maria Bortolazzi, Maria de Fátima do Rego Barros, Rubia Adam, Sergio Luiz Onório, Sonia Regina Faria Gardin, Eliane Correa Gestinari, Marlene Bonafé e Dr. Carlos Camargo.

Newton Zadra

Sumário

Apresentação.....	7
Como e porque surgiram as ideias do Novo Circulismo.....	9
Política Comunitária.....	15
• Exemplos de ação política.....	16
Meus primeiros contatos com a doutrina circulista.....	18
Objetivos do Circulismo Tradicional.....	20
Objetivos do Círculo de Vila Prudente.....	20
Circulismo.....	22
• Motivações para o surgimento do Circulismo e os contextos religiosos, sociais e políticos nacionais na década de 1930.....	22
• Padre Leopoldo Brentano.....	22
• A Igreja Católica na década de 30.....	23
• A Encíclica <i>Quadragesimo Anno</i>	23
• A Revolução de 1930.....	25
• Crescimento e apogeu do Circulismo.....	27
• A decadência e seus motivos.....	27
• O erro fatal.....	29
ONGs e Terceiro Setor.....	30
• A importância do Terceiro Setor na economia e na atividade social.....	30
• Porque cresce o Terceiro Setor.....	31
• A importância do Terceiro Setor no aperfeiçoamento democrático.....	32
O Circulismo visto através da Fetcesp.....	34
O Novo Circulismo.....	35
• Estratégias para implantação e desenvolvimento do Novo Circulismo.....	36
• O porquê da prevenção de drogas no Novo Circulismo.....	37
• Porque dar destaque à Terceira Idade.....	37
Considerações finais.....	39
Conclusão.....	39
Bibliografia.....	40



Apresentação

Todo aquele que se debruçar sobre a história do Movimento Circulista vai constatar sua inegável importância no contexto político-social brasileiro nas décadas de 30, 40 e 50 do século passado. A atuação dos círculos e de seus quase 500 mil militantes foi decisiva neste período conturbado da política nacional, já que suas ações não eram sectárias e primavam pelo equilíbrio e bom senso.

Em artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, o articulista Hélio Delmanto lembra: *“Os círculos tiveram um papel decisivo na fase iniciada pela Revolução de 30 e a República Nova. O Movimento Circulista mudou os rumos da história social brasileira. Minha afirmação pode ser ousada, mas não deixa de ser estritamente verdadeira”*. Mais à frente, Delmanto lembra: *“O circulismo surgiria no apogeu da Ação Católica Brasileira, pelas mãos do padre jesuíta Leopoldo Brentano, e breve se tornaria não só um movimento diocesano, mas nacional. E através de suas ações contrapôs-se a duas ondas avassaladoras que, naquele tempo, mobilizavam a opinião pública e a traziam às ruas, ao sabor das tendências (trágicas) delineadas no cenário internacional: a Aliança Nacional Libertadora de cunho comunista e a Ação Integralista Brasileira, liderada por Plínio Salgado. Por outro lado, o governo de Getúlio Vargas, pensando em futura arregimentação política dos trabalhadores, lançava-se a uma política sindical cujas bases ainda vigoram. Ao contrário dos sindicatos, os círculos operários permaneceram imunes ao peleguismo e legaram às comunidades onde agiram valiosos patrimônios”*.

O Circulismo entraria em declínio a partir da metade dos anos 50, tanto pelo abandono da Igreja, como pelo próprio desenvolvimento da sociedade, fatores que foram agravados pela falta de sensibilidade de seus dirigentes que não souberam atualizar e adaptar os objetivos da instituição às novas demandas que surgiam.

Neste quadro desalentador, um enorme número de unidades circulistas encerrou suas atividades e outro tanto passou a oferecer serviços de menor importância aos seus poucos associados, na maioria das vezes desprezando os postulados originais do Movimento, que tinham como escopo principal a assistência e promoção do trabalhador.

Com 45 anos de militância no Movimento, presidindo o Círculo de Vila Prudente – SP, um dos maiores do Brasil, e a Federação de Trabalhadores Cristãos do Estado de São Paulo – Fetcesp, tomei a iniciativa de escrever este trabalho que denominei Novo Circulismo, na certeza que poderemos reverter esta situação e retomar o lugar que já ocupamos, bastando para isso que tenhamos coragem de alterar e atualizar nossos objetivos. Padre Lebre, que mais que um respeitado sacerdote foi também um sociólogo, dá a fórmula a seguirmos. Diz ele: *“Exercer o nosso esforço nos setores que ficaram disponíveis; tomar a nosso cargo aquilo que resta por fazer”*. E, a rigor, num país ainda em desenvolvimento há muito que fazer desde que rumemos para as periferias, observemos com olhos atentos o sofrível nível de vida de seus moradores e encampemos suas necessidades, com certeza, encontraremos nestes locais nichos de trabalho social, médico-ambulatorial, educacional,



cultural e de lazer que o Estado não tem e nem terá condições de atender a curto e médio prazos. É o caso da Terceira Idade, por exemplo, que merece capítulo especial neste trabalho.

Esta obra, ainda sujeita ao escrutínio dos companheiros, foi sendo sedimentada após eu assumir a presidência da Fetcesp em 2002. Enquanto o círculo que eu presidia explodia em ações comunitárias e crescia vertiginosamente, um grande grupo de coirmãos encerrava suas atividades ou passavam por crises de toda ordem, sendo que as principais delas eram definir como e onde atuar e como gerar ou captar recursos para sobreviver.

À medida em que me aprofundava nos problemas de filiados, fui refinando, corrigindo e consolidando minhas ideias de mudanças. Valeu-me sobremaneira a experiência no Círculo de Vila Prudente e a leitura e análise compulsiva de livros que tratavam do assunto, hoje chamado Terceiro Setor. Contudo, não tenho a infantil presunção de supor que as sugestões e ideias que aqui apresento tenham caráter imutável e definitivo. Elas estão sujeitas a reparos, aprofundamento, adequações e melhorias. Cabe, no entanto, reiterar que toda descrição que faço dos caminhos que percorri é absolutamente fidedigna e pode ser constatada a qualquer instante.

O Círculo de Vila Prudente, o qual presido, é o único no Brasil que decuplicou seu patrimônio físico e aumentou, na mesma proporção, os serviços que vinha oferecendo aos seus associados e à comunidade, após ser deixado pela Igreja.

Isso não quer dizer que esqueçamos e menosprezemos o trabalho dos sacerdotes pioneiros, dentre os quais reluz o padre holandês Damião Klevercamp (ss.cc). Temos profundo sentimento de gratidão à Congregação dos Sagrados Corações, assim como pelas Irmãs Franciscanas de São José, colaboradoras do Círculo de Vila Prudente nos seus primeiros 40 anos de vida.

Mudanças como estamos propondo devem ser encaradas como fatos normais num mundo que se torna mais dinâmico a cada dia. O escritor italiano Giuseppe Lampedusa cunhou uma frase que pode servir de alicerce para este trabalho. Diz ele, pela boca de um de seus personagens: *“É preciso mudar para ficar tudo igual”*. No nosso caso utilizo uma paráfrase: *“É preciso mudar para voltarmos a ser o que fomos”*.

Newton Zadra



Como e porque surgiram as ideias do Novo Circulismo

Creio que narrar minha trajetória dentro do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Vila Prudente e depois como presidente da Fetcesp possam justificar os motivos que me levaram a formular o que denominamos “Novo Circulismo”.

Com 44 anos de militância no Círculo de Vila Prudente, dos quais 40 como presidente, tive a oportunidade de viver todos os problemas da entidade, estudar suas características e avaliar sua singular e maiúscula importância histórica na formação social e moral da comunidade. Neste longo caminho que percorri, pude analisar as deficiências e os pontos fortes do CTCVP, implantar e desativar programas, corrigir erros, retomar caminhos, formar e desmanchar equipes e reajustar os objetivos da entidade. O sucesso, se assim podemos chamar, veio com muito trabalho, humildade para reconhecer erros, dedicação plena e algum talento, mas, principalmente, pela sensibilidade em formar e estimular equipes e determinação compulsiva em fazer as coisas cada vez melhores e em perfeita consonância com as aspirações da comunidade e do quadro associativo do Círculo.

Nada, no entanto, poderia ser levado a termo sem que tivéssemos um norte de Justiça a nos guiar, virtude esta que Aristóteles considerou como a virtude completa e na qual, no meu entender, se encerra o núcleo e a essência da Doutrina Social Cristã e, por extensão, da doutrina circulista.

Tomei conhecimento do Círculo de Vila Prudente em 1976, quando fui convidado a participar do seu Conselho Consultivo. Pequeno industrial do ramo metalúrgico, filho de pai mecânico e mãe do lar, ambos católicos até a medula e devotos de São Francisco de Assis, aceitei o convite muito mais por cortesia e amizade do que pelo interesse nas ações sociais e educacionais da Instituição, a qual eu praticamente desconhecia, apesar de residir a menos de 800 metros da sede.

Com 36 anos de existência, o Círculo de Vila Prudente, vim a saber depois, já vivera seu apogeu. Fora centro social do bairro, formara uma plêiade de líderes cristãos e prestara enorme serviço médico-ambulatorial e atendimento dentário aos operários, numa época que este estrato social, a maioria esmagadora da população, carecia dos serviços. Entretanto, há muito, a entidade perdera sua importância e naquele momento chegara quase ao fundo do poço, com uma imagem pública apagada e inexpressiva. Participar de sua diretoria não me trazia prestígio e, a rigor, não satisfazia meus pretensiosos ideais de trabalho social, que eu já havia esboçado na minha indústria. Aliás, o Círculo, naquela época, não mantinha nenhum trabalho social, exceto um precário serviço médico oferecido aos poucos associados e a doação de bolsas de estudo no Colégio João XXIII, do qual era mantenedor. Este sim com algum relevo na comunidade.

Da mesma forma que o circulismo nacional, o Círculo de Vila Prudente sofrera paulatino esvaziamento e sua queda se dera em diversas frentes, consequência do abandono



da Igreja, missão e objetivos ambíguos e difusos, falta de quadros dirigentes e uma difícil situação econômica; estas eram as facetas mais evidentes da crise.

Preocupada em se safar dos problemas, a direção da entidade não só deixava de trilhar a doutrina circulista, como a desconhecia e a menosprezava. A necessidade de sobrevivência era tanta que obliterava qualquer visão teórica e doutrinária do Movimento. Apesar desta soma de fatores adversos, aconteceu uma simbiose entre mim, meus ideais e a Instituição, tanto que, às vésperas do CTCVP completar seu 40º aniversário em 1980, eu já era seu presidente eleito por aclamação.

Cheguei à direção do CTCVP imbuído dos meus ideais de justiça social, disposição férrea de trabalhar e apoiado em técnicas administrativas da livre iniciativa, onde os resultados são condição *sine qua non* para a sobrevivência. Eram as primeiras, mas decisivas, medidas no sentido de promover as mudanças.

Com uma equipe homogênea e idealista que tive a liberdade de formar, atacamos as deficiências e equívocos que detectamos e que emperravam a entidade, sendo que as mais evidentes eram uma administração romântica, atitudes amadoras e a falta de objetivos concretos. As diretorias que nos haviam precedido tinham incorrido no erro de não reajustar os objetivos do CTCVP, mesmo com a brutal mudança no perfil socioeconômico do morador do bairro que aspirava outros serviços e com melhor qualidade.

O Colégio João XXIII, maior patrimônio do Círculo, aliás o único, que deveria ser considerado como a mais importante atividade-meio de captação de recursos para os programas sociais, tinha formatações física e pedagógica voltadas ao atendimento das classes de baixa renda e, por esta razão, via-se obrigado a competir com a rede pública de ensino e, como tal, cobrar mensalidades irrisórias. É necessário lembrar que, naquela época, como ainda hoje, a rede pública de ensino da região tinha razoável qualidade e vagas ociosas.

Uma pesquisa nos indicou que havia espaço para um colégio de qualidade no bairro, que pudesse atender uma nova classe socioeconômica que vinha se formando. E foi neste rumo que caminhamos. Colocar o João XXIII dentro de um novo paradigma de imagem, de qualidade e conteúdo pedagógico foi o primeiro item de um programa com quatro pontos, sendo que os outros três eram o resgate da memória circulista, a recolocação do Círculo de Vila Prudente como grande prestador de serviços aos trabalhadores e carentes e, finalmente, situar a entidade como ponto de convergência da população do bairro e tribuna de suas reivindicações.

As metas que estabelecemos eram claras, mas um tanto pretensivas para a ocasião, já que os recursos para realizá-las eram escassos, quase nulos. Mesmo assim, com fundada expectativa de retorno do investimento, fizemos empréstimos na rede bancária, contando com o aval dos novos diretores, pois a entidade carecia de crédito. A verba conseguida chegou com destino certo e planejado: retomar a antiga sede do Círculo que havia sido alugada alguns anos antes ao Poder Judiciário para fazer frente às despesas da entidade. Conseguido o objetivo, iniciamos imediatamente uma ampla reforma no prédio, colocando-o dentro dos novos padrões de qualidade e aparência que idealizamos para a Instituição.



ção e que, depois, já denominado como “Padrão Círculo”, serviu de modelo para todas as nossas obras.

Ao completarmos 40 anos, em junho de 1980, pudemos realizar as festividades comemorativas na nova/velha sede, ainda em fase de reformas. Esta mesma sede, com consultórios médicos, ambulatórios, salas de reunião e salão de festa com palco, camarins e sanitários novos foi denominada Novo Círculo. Sua inauguração oficial foi presidida pelo prefeito de São Paulo, Dr. Reynaldo de Barros, no dia 27 de novembro de 1981, em solenidade que reuniu as mais expressivas lideranças da região, numa festa que marcou época e recolocou o Círculo no centro dos acontecimentos.

Para implementação do projeto de readequação do Colégio, estabelecemos um prazo de 10 anos. Em princípio, o tempo pode parecer longo e demorado, mas tínhamos consciência que era impossível realizá-lo na sua totalidade antes deste prazo, já que os principais recursos para a consecução do programa que havíamos preconizado deveriam vir do próprio Colégio e este precisava mudar radicalmente sua imagem na comunidade e o perfil de sua clientela.

A tarefa não era fácil, pois a escola tinha a mesma idade do Círculo, 1200 alunos de baixo poder aquisitivo e um prédio vetusto e ultrapassado que clamava por ampliações e reformas drásticas. Sua direção e parte do corpo docente eram formadas por religiosas das Irmãs Franciscanas de São José, dedicadas e esforçadas, mas carentes de objetividade financeira e lucros, palavra que, até então, era proibida de se falar na entidade. A missão era tão árdua e exigia tantos investimentos e tempo para consolidar a nova imagem que, 20 anos depois, ainda não havíamos cumprido este desiderato.

Aqui é preciso registrar dois detalhes relevantes e decisivos. O primeiro deles foi a conquista, pelas antigas diretorias do Círculo, dos diplomas de utilidade pública nos âmbitos federal, estadual e municipal, o que conferia à Instituição um caráter de credibilidade e a desonerava de parte dos encargos trabalhistas de seus empregados. O segundo e importante fato foi que, por meio do diretor do Colégio João XXIII, professor José Norcia Filho, e do Assistente Religioso, padre Pacômio Mass, a entidade havia conseguido, ainda na década de 60, uma significativa verba junto à Conferência dos Bispos Holandeses. O montante de 732 mil florins viera “carimbado” para ser utilizado na construção e equipagem de um ginásio profissional. Este mesmo ginásio foi implantado numa nova ala do João XXIII e funcionou no período noturno, promovendo cursos de eletrônica, eletrotécnica, química e edificações, muito procurados no “boom” industrial na década de 70, colaborando fortemente nas receitas da entidade naquela época.

Em meados de 80, no entanto, já haviam perdido sua importância pedagógica e financeira, além de prejudicar a imagem do colégio de classe média que havíamos projetado. Como tal, os cursos foram desativados.

Com um quadro associativo diminuto, flutuante e em parte inadimplente, com o Colégio dando pequeno lucro ou empatando e necessitando de enormes investimentos em reformas estruturais profundas e renovação do corpo docente, tratamos de pôr a cabeça



para funcionar, no sentido de aumentar as receitas e diminuir as despesas.

Na nova sede já em funcionamento, ampliamos o quadro clínico e melhoramos o atendimento médico-ambulatorial, o que obteve resposta imediata da comunidade que voltou a associar-se ao Círculo e a frequentar a casa. No salão de festas, agora reformado dentro dos novos padrões e amplamente divulgado no bairro, passamos a realizar todo e qualquer tipo de evento que pudesse trazer retorno financeiro e/ou social. Como a região prescindia deste equipamento, conseguimos alugar o salão em quase todos os finais de semana para casamentos, festas de aniversário, reunião de empresas, desfiles de modas, etc. Nos dias em que havia folga, realizávamos bingos, rifas, bazares, cursos e debates de reivindicação para melhoria das condições do bairro.

São desta época as reuniões com lideranças locais em defesa da urbanização de favelas, criação de parques e até sobre política, quando recebemos membros de todos os partidos que puderam defender seus programas e ouvir reivindicações locais dentro da postura pluralista, apartidária e democrática da entidade. Em uma das campanhas encetadas para a vinda da Linha 2 do Metrô, conseguimos que sete vereadores da região de todo espectro político participassem da reivindicação, assim como os clubes de lojistas e rotarys. Era a política comunitária funcionando, tendo o Círculo como ponto de convergência.

Concomitante às ações que desenvolvíamos na sede e que iam melhorando nosso caixa, fomos realizando uma ampla reforma administrativa, racionalizando operações, cortando despesas supérfluas, ajustando os recursos humanos e criando rigorosos controles de custos.

Passados cerca de três anos, já conseguimos algum superávit, que foi quase todo reinvestido na melhoria do Colégio, tendo como paradigma o “Padrão Círculo” de qualidade. Aqui outro toque de profissionalismo: mesmo não contando com todo o recurso para a reforma completa do prédio, conseguimos (graciosamente) com um arquiteto do bairro, o projeto acabado da obra. Assim, cada parte que íamos reformando ficava concorde com as instruções e desenhos, o que, no final, proporcionou uma agradável harmonia ao conjunto.

Melhorando o Colégio em aparência física e conteúdo pedagógico, as mensalidades, por sua vez, puderam ser reajustadas e o lucro melhorado.

No desdobramento destas atitudes, vieram quase que imediatamente os debates promovidos pelo CTCVP entre líderes comunitários, autoridades e políticos, versando sobre problemas locais e nacionais, como, por exemplo, as discussões sobre a urbanização de favelas, o percurso da Linha 2 do Metrô, a volta das eleições diretas, a melhoria do trânsito local, a implantação de parques, etc.

A partir daí tornava-se obrigatório aos políticos visitarem o Círculo quando vinham no bairro, casos de Jânio Quadros, Paulo Maluf, José Serra, Luiza Erundina, Marta Suplicy, Gilberto Kassab, Fernando Haddad e tantos outros.

Concomitantemente, já em 1985, criamos programas destinados à Terceira Idade, quando este termo ainda não fazia parte do jargão popular. O grupo denominado “Os Sapecas” reuniu, já de início, mais de 350 idosos e funciona até os dias atuais.



Aumentamos uma vez mais o departamento médico na sede e implantamos um núcleo de atendimento numa das favelas próximas, com farmácia, ambulatório e consultório médico. Neste bolsão de extrema pobreza, construímos também uma capela dedicada a São José Operário, que, durante a semana, quando não havia celebrações, servia como espaço para escola de alfabetização e de prendas domésticas. Diga-se de passagem que estes programas funcionam ainda hoje e tornaram-se fundamentais para a população local.

O crescimento do Círculo de Vila Prudente deu-se em todos os aspectos e aconteceu em velocidade vertiginosa, tanto que, logo após termos tomado posse do velho prédio, já buscávamos novos espaços para expandir. Fomos bafejados pela sorte. Em frente à sede, o governo do Estado de São Paulo havia desapropriado um terreno para construção de um distrito policial. Pesquisando, ficamos sabendo que, por razões outras, o projeto não fora e nem iria avante. Por meio do deputado estadual Manoel Sala, residente no bairro, solicitamos a concessão da área em comodato, justificando tal pedido pelo trabalho que prestávamos à população carente.

Menos de um ano depois, o governador Paulo Maluf assinava o termo precário de uso, mas somente no governo de Franco Montoro (que em sua juventude havia colaborado com a fundação do Círculo) obteríamos finalmente a concessão por 30 anos, autorizando-nos oficialmente a erguer a nova sede, prédio com cinco pavimentos e quase 4 mil metros quadrados de área construída, projeto do escritório de Ícaro de Castro Mello, inaugurada pelo prefeito de São Paulo Celso Pitta em 1998.

Nota: A concessão foi renovada por mais 30 anos no mandato do governador Márcio França, em 6 de maio de 2019.

Enquanto elaborávamos os projetos sociais, médicos e educativos para a nova sede, assumimos, em convênio com a Prefeitura de São Paulo, a administração de quatro creches com um total de 800 crianças. Implantamos um programa para funcionar no contraturno escolar para 220 crianças e adolescentes, que denominamos “Projeto Construindo o Futuro”, e assumimos uma escola denominada “Nossa Escola” para 70 crianças e jovens com deficiência intelectual. Criamos também um coral da Terceira Idade, “Os Rouxinóis”, um grupo de poetas e, mais recentemente, a Orquestra Sinfônica Infantojuvenil Vila Prudente, formada em sua maioria por crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Outro fato importante que precisa ser citado nesta retrospectiva foi a compra do imóvel de 14.500 metros quadrados da Companhia Teperman, vizinho contíguo do Colégio. Uma atitude épica e desassombrada da diretoria do Círculo. Com esta gigantesca aquisição, pudemos dar outro nível de qualidade no Colégio. Construímos dois ginásios poliesportivos, piscinas, jardins e áreas de lazer.

Um salto no tempo e vemos a Instituição com imenso patrimônio imobiliário, um quadro associativo superior a 3.500 sócios e uma gama enorme de serviços prestados à comunidade por meio de diversos programas em andamento, que fizeram com que o Círculo de Vila Prudente fosse considerado, por dois anos, como uma das 50 maiores e melhores entidades sociais do Brasil. Afora este prêmio concedido pelo rigoroso Instituto



Kanitz, o Círculo ganhou os prêmios Betinho, Milton Santos e o maior de todos - o Itaú -Unicef em 2009, outorgado pela ONU. Para ilustrar o que afirmamos, damos um ligeiro perfil da entidade e suas atividades em 2018, comparando com o ano de 1980:

CTCVP	1980	2018
Área ocupada	5.000 m ²	31.000 m ²
Funcionários, incluindo Colégio	120	492
Unidades de assistência social	1	11
Programas sociais	2	20
Bolsas de estudo anuais	R\$ 300.000,00	R\$4.000.000,00
Profissionais na área de saúde	3	30 (27 médicos)
Atendimentos médicos gratuitos	6.200	40.000
Distribuição de remédios gratuitos	0	25.000
Creches	0	4
Centros de Educação	0	2
Grupo de Terceira Idade	0	400 participantes
Patrimônio imobiliário	R\$ 12.000.000,00	R\$180.000.000,00

Ações comunitárias

Conforme foi exposto no capítulo anterior, a par do trabalho que realiza em prol da comunidade e de seus associados e beneficiados inscritos no Serviço Social da entidade, o Círculo de Vila Prudente acabou por transformar-se em centro de debates da região e caixa de ressonância de suas reivindicações. Não há político que venha ao bairro e deixe de visitar o Círculo, apresentar seus programas e ouvir as reivindicações locais. Enfim, a entidade segue um dos itens que preconizamos no Novo Circulismo.

Por meio deste trabalho contínuo, pluralista, democrático e apertado, diversas melhorias significativas na comunidade foram conseguidas, a saber:

- Criação do Parque Municipal Lydia Natalízio Diogo;
- Extensão da Linha 2 do Metrô para Vila Prudente (inaugurada em agosto de 2010);
- Canalização e reurbanização do córrego Eng^o Tomaz Magalhães;
- Construção e funcionamento da Base Comunitária da Polícia Militar;
- Erradicação de pequenas favelas;
- Desapropriação de área para implantação da Praça de Esportes de Vila Bela;
- Construção de piscinões para evitar enchentes no centro do bairro;
- Implantação do sistema monotrilho;
- Implantação do sistema Fura-fila.



Meus primeiros contatos com a Doutrina Circulista

Às vésperas do Círculo de Vila Prudente completar seu 40º aniversário, propus-me a escrever um opúsculo sobre a trajetória da entidade, peça programada para ser publicada como um dos itens das comemorações. A tarefa, percebi depois, era árdua e espinhosa, caso eu quisesse ser fiel à história da Instituição, e eu queria. Fui obrigado a mergulhar fundo nos 40 anos de vida da entidade, ler um número enorme de informações, desde o pretensioso e revolucionário Manifesto de Fundação, como todas as atas de reuniões de diretoria, relatórios de atividades, documentos internos, jornais de época, correspondências e serviços prestados pelo Círculo, livros de crônicas dos padres holandeses da Paróquia de Santo Emídio, etc. Afora isto, acabei entrevistando um punhado de ex-funcionários, antigos diretores e até alguns fundadores que, por razões outras, haviam se afastado da entidade. O fato é que saí da empreitada com um pequeno livro escrito, mas com profundo conhecimento (e orgulho) da Instituição que eu presidia.

Mesmo desconhecendo os fundamentos da Doutrina Circulista e seus objetivos originais, o fato é que acabei constatando que a história do Círculo de Vila Prudente se confundia com a própria história do bairro, seus sonhos, suas lutas e suas reivindicações. Sem exagero, concluí que nenhum dos importantes acontecimentos da comunidade haviam se desenrolado sem a participação do CTCVP.

Fiquei conhecendo verdadeiros heróis, como o idealizador e fundador do Círculo padre Damião Kleverkamp (ss.cc.), holandês profeta e visionário que, com seu agudo senso de justiça social e sua disposição de mouro, antecipou-se no tempo e com sua ação social realizada por meio do Círculo, mudou as características do bairro.

No âmbito da entidade, uma infinidade de líderes havia se formado à luz dos exemplos e dos ensinamentos de padre Damião, participando efetivamente na vida política e social da região, transferindo-lhe uma ética e moral cristãs e, sobretudo, uma constante inquietude em resolver problemas e distorções da vida cotidiana. Tive a sensação de estarmos montados num tigre adormecido, se me permitem a prosaica comparação.

Ao conversar sobre Circulismo com o pessoal da Fetcesp, por ocasião do 40º aniversário, recebi do presidente da época, Giuseppe Armentano, o Manual do Círculo Operário e, aí então, entrei em contato com a Doutrina do Movimento, o que me despertou a curiosidade e a vontade de me aprofundar na matéria. Na ânsia de maiores conhecimentos, li, reli e estudei com atenção o Manual e outras obras clássicas do Circulismo, como a *"Iniciação Social"* de Paulo de Oliveira, a *Cartilha Circulista* e os *Círculos de Estudo*. Melhorei meus conhecimentos lendo sobre as origens do movimento católico social brasileiro e as finalidades e objetivos do Centro Dom Vital, da Ação Católica Brasileira, da Liga Eleitoral Católica - LEC, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB e da formação do Partido Democrata Cristão - PDC. Constatei que alguns dos fundadores do PDC haviam partici-



pado das diretorias da entidade, destacando-se entre estes Franco Montoro e Décio Silva Barros, ser humano de excepcional conhecimento e bondade.

Foi recorrente, como era de se esperar, a leitura do livro *Humanismo Integral* de Jacques Maritan, das encíclicas *Rerum Novarum*, *Quadragesimo Anno* e *Mater et Magistra* (que ganhei de um líder sindical), documentos fundamentais do Circulismo. Percebi então que, desde sua fundação, o extenso e profícuo trabalho social que o Círculo de Vila Prudente desenvolvera no passado nem sempre havia caminhado em simetria com as propostas e o discurso oficial do Circulismo clássico. Enquanto o Manual e outros documentos davam ênfase quase que exclusiva ao operário, sua batalha por salários e direitos, pela formação de lideranças sindicais cristãs e pela luta contra o comunismo, os objetivos do CTCVP, mesmo nos áureos tempos, sempre estiveram voltados à assistência e promoção da população do bairro e à resolução dos problemas da comunidade.

O atendimento preferencial ao trabalhador e sua família só se consumara nos primeiros anos após a fundação, quando a população local era constituída por esmagadora maioria de operários com poucos direitos e a entidade ainda titubeava na sua evolução.

Aqui preciso fazer o registro do fato que geraria uma das ideias centrais do Novo Circulismo: enquanto o Círculo de Vila Prudente mantinha os valores cristãos e suas crenças básicas, seus objetivos nunca tinham sido estáticos, muito pelo contrário. Excetando-se o período em que a Instituição entrara em baixa, sua ação sempre estivera ligada intimamente às necessidades circunstanciais do bairro, oferecendo-lhes apoio e espaços para reivindicações, fazendo campanhas de saúde, transporte, lutas pelo meio ambiente, proporcionando lazer (teatro e cinema), educação, fundando associações e sindicatos, promovendo debates e organizando a sociedade civil. E tudo isso sem deixar de oferecer aos associados aquilo que tampouco o Estado ou outras organizações ofereciam com qualidade, como, por exemplo, educação e atendimento médico-ambulatorial e dentário.

Sem que soubessem, os antigos diretores do Círculo de Vila Prudente atendiam uma sábia recomendação já citada de padre Lebret, feita em seu livro *“Princípios para a ação”*. Repito-a: *“Exercer nosso esforço nos setores que ficaram disponíveis; tomar a nosso cargo aquilo que resta por fazer”*.

O conselho de Lebret, que embute a correção constante dos objetivos de instituições sociais, é atual e uma das bases do Novo Circulismo. Creio que tal atitude deveria ser seguida por todos os dirigentes circulistas.

Como o reajuste constante de objetivos é um dos temas centrais do Novo Circulismo, fui buscar no mestre Peter Drucker dois exemplos que corroboram fortemente com Lebret e nossas ideias. Conta Drucker: *“Uma grande cooperativa elétrica rural foi fundada nos anos 30 do século 20, quando os agricultores americanos não tinham acesso à energia elétrica. Com a eletricidade chegando ao alcance de todos, os diretores e cooperados se perguntaram: o que fazer agora? Havia uma forte tendência para se vender a cooperativa à empresa mais próxima, ou fechá-la. Um novo executivo-chefe entrou, analisou a situação e disse: ‘Sim, como cooperativa já cumprimos nossa missão, mas como organização para o desenvolvimen-*



to da comunidade, ela apenas começou. Há uma tremenda crise no campo. Todos os serviços sociais básicos precisam ser prestados aos cooperados, e isso pode ser feito por alguém que tem um bom sistema de distribuição". E isso fez toda a diferença. (sublinhado do autor)

Drucker dá outro exemplo: "O Exército da Salvação foi fundado há mais de 135 anos, construindo abrigos para as prostitutas de Londres. Na época ninguém se importava com aquelas infelizes mulheres, muitas das quais eram jovens pobres do campo, perdidas na cidade grande. Passaram-se os tempos, o Exército da Salvação ainda mantém um programa para cuidar de prostitutas, mas deixou de prover abrigo para jovens inocentes e ignorantes, pois estas jovens vêm do campo, dotadas de aptidões utilizáveis e não são mais ignorantes; elas são tão sofisticadas quanto qualquer outra pessoa. Assim, o Exército da Salvação, uma organização enorme e de sucesso, abandonou este objetivo, apesar dela ser sua atividade original". (sublinhado do autor)

Como tenho utilizado o trabalho que realizei no Círculo de Vila Prudente para formular a teoria do Novo Circulismo, aproveito para expor as mudanças que aquele filiado promoveu em seus estatutos, no capítulo "Objetivos", comparando-as com as recomendações oficiais descritas no *Manual do Círculo Operário*.

Objetivos do Circulismo Tradicional

- Prestar uma eficiente assistência espiritual, moral, intelectual, física e profissional aos seus associados e aos trabalhadores em geral, por meio de escolas, colégios, cursos, ambulatórios, clínicas, hospitais, cooperativas, caixas de mutualidade, departamentos recreativos e esportivos, etc.;
- Proporcionar aos trabalhadores formação adequada, para que possam ativa e conscientemente assumir as responsabilidades que lhes cabem na ação social e sindical;
- Procurar instaurar no país uma ordem social cristã, cujos postulados inspirem a legislação;
- Concorrer para a harmonização das relações entre empregados e empregadores;
- Propugnar pelo levantamento das condições sociais e econômicas do meio rural;
- Colaborar com o Ministério do Trabalho no que disser respeito aos legítimos interesses dos trabalhadores.

Verifique que todos os objetivos estão centrados no trabalhador, ficando omissas as questões comunitárias e os problemas gerais da população.

Objetivos do Círculo de Vila Prudente

- Promoção social por meio de assistência eficiente e técnica, advogando os interesses legítimos da população e da comunidade, prioritariamente aos que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social;
- Promover a formação humana, cultural, moral e técnica de forma direta ou em convênio com instituições sem fins lucrativos;



- Prestar assistência médica, ambulatorial e hospitalar por meio de serviços diretos ou conveniados;
- Criar, fundar e manter educandários, creches, cooperativas, asilos, colônia de férias e outras entidades de manutenção de beneficiários e administrá-las;
- Promover a prática esportiva em todas as modalidades;
- Assessorar e apoiar iniciativas voltadas à defesa dos direitos da criança e do adolescente preconizadas no ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Estimular a formação de lideranças sindicais;
- Ministrando cursos profissionalizantes nas áreas de qualificação e requalificação profissional;
- Editar periódicos para informar funcionários, associados, familiares, internos e a comunidade sobre as atividades e eventos da instituição;
- Administrar emissoras de radiodifusão ou de televisão, sempre dentro dos princípios contidos neste estatuto;
- Lutar pelas resoluções dos problemas de habitação;
- Incentivar, fundar e organizar a formação de grupos de terceira idade, administrando-os;
- Colaborar com os poderes públicos sempre que solicitado e espontaneamente quando lhe for permitido;
- Realizar atividades comerciais, industriais, artesanais ou serviços que permitam a geração e obtenção de recursos para as finalidades sociais da entidade.

Como pode ser constatado, os “Objetivos” do Círculo de Vila Prudente são muito mais amplos e atualizados, acolhem outras atividades e seu primeiro item está diretamente ligado à resolução dos problemas da comunidade.

Contudo, foi extirpada da carta magna da entidade toda conotação religiosa, já que somos leigos e subordinados ao Código Civil e qualquer menção de caráter religioso nos estatutos pode dificultar o estabelecimento de parcerias, captação de recursos e até concessões do governo. (1)

(1) O Círculo de Vila Prudente deixou de obter a concessão de uma rádio comunitária por este motivo.



CIRCULISMO

Motivações para o surgimento do Circulismo e os contextos religiosos, sociais e políticos nacionais na década de 1930

Não seria justo propor um novo tipo de Circulismo sem uma análise dos princípios e objetivos do Circulismo tradicional e dos contextos religioso, político e social em que o mesmo foi fundado e prosperou. Acho necessário, e imperativo também, fazer uma apreciação das razões que levaram o jesuíta padre Leopoldo Brentano a fundar o Círculo de Pelotas em 1932, já que se deve a sua determinação não só a fundação do primeiro círculo, como a consolidação e o rápido crescimento do Movimento no plano nacional.

Os motivos que levaram padre Brentano a fundar o Círculo Operário de Pelotas, a pronta aceitação de seus postulados e o crescimento do Movimento Circulista têm sido objeto de inúmeros estudos acadêmicos e trabalhos jornalísticos, embora nem sempre coincidentes em suas análises e conclusões. E não sem razão: no seu apogeu, durante o Estado Novo de Vargas, o Circulismo constituiu-se no mais importante braço social e operário da Igreja, chegando a contar com 500 mil militantes.

Padre Leopoldo Brentano

Quatro fatores distintos, mas convergentes, contribuíram para o sucesso do movimento “operário-católico”. O primeiro e mais importante deles foi a vocação sacerdotal e social quase messiânicas de padre Leopoldo Brentano. Nascido em 1884 na cidade de Roca Sales no Rio Grande do Sul, numa família de colonos imigrantes alemães, padre Brentano foi desenvolver as tendências sociais, que lhes eram inatas, durante sua formação clerical na Companhia de Jesus e, mais à frente, quando estudou filosofia no seminário de Valkenburg, tradicional escola religiosa holandesa de características acentuadamente humanistas. Ainda na Europa tomou contato, entre outras, com a obra social de padre Kolping, onde se acredita foi buscar parte de sua inspiração para fundar os Círculos. É evidente e incontestável também que a leitura e o estudo de toda literatura social da Igreja Católica, como, por exemplo, as obras do bispo alemão Von Ketteler, dos nobres franceses La Tour de Pin e Albert de Mun, ambos fundadores das Confederações Francesas de Trabalhadores, do barão de Vogelsang, assim como a aceitação das propostas das encíclicas “*Rerum Novarum*” - 1891 de Leão XIII e, principalmente, a “*Quadragesimo Anno*” - 1931 de Pio XI foram fundamentais para consolidação de seus ideais e propósitos.



A Igreja Católica na década de 30

O surgimento do Movimento Circulista e a fundação por padre Brentano do Círculo Operário de Pelotas em especial, no seio da Congregação Mariana de Moços daquela cidade, podem ser compreendidos também como resultado natural das mudanças que a Igreja Católica sofria no período. A partir dos anos 20, a cúpula da Igreja, dirigida pelo cardeal dom Sebastião Leme, iniciou um processo de renovação na forma de atuação social, visando recuperar uma posição chave nos destinos do país e igualmente acompanhar as modificações que aconteciam na sociedade brasileira. Com apoio e colaboração do cardeal Sebastião Leme, Jackson de Figueiredo funda o Centro Dom Vital em 1922, que passa a funcionar sob a supervisão das autoridades eclesiais e tem como objetivos trazer para a Igreja elementos da intelectualidade do país e “formar uma nova geração de intelectuais católicos”. Mais à frente, iriam se juntar a Jackson de Figueiredo os pensadores católicos Heráclito Sobral Pinto e Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), este um dos inspiradores e primeiro presidente da Ação Católica Brasileira - ACB, um prolongamento quase natural do Centro Dom Vital.

O Centro Dom Vital ganhou tanta importância que, logo após a Revolução de 1930, o Estado concedeu um reconhecimento semioficial à Igreja, fortalecendo assim a posição desta. Segundo o historiador Ralph Della Cava, “foi o profundo vazio político gerado pela Revolução de 1930 que transformou a Igreja numa força social absolutamente indispensável ao processo político”.

Graças aos contatos do Centro Dom Vital com os responsáveis pela área da Educação do governo federal, o Congresso acabou aprovando o Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, permitindo a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal. A partir deste ano, ainda, diante do protesto do Centro Dom Vital contra a lei que proibia a existência de sindicatos trabalhistas com expressão política, social e ideológica (leia-se comunistas e anarco-sindicalistas), incluindo-se aí as religiões (não católicas), o ministro do Trabalho Lindolfo Collor permitiu a criação de sindicatos católicos. Estavam criadas assim duas das pré-condições para que as sementes do Circulismo germinassem.

A encíclica *Quadragesimo Anno*

Lançada em 15 de maio de 1931 pelo Papa Pio XI, em comemoração ao aniversário da edição da encíclica *Rerum Novarum*, a encíclica *Quadragesimo Anno* atualizava a carta leonina. De 1891 até 1931, importantes mudanças haviam acontecido na sociedade. Da “questão operária” de Leão XIII passou-se à “questão social”, no sentido do problema econômico mundial, já no limiar da grande depressão.

Esses 40 anos representavam, no aspecto tecnológico, a era de expansão do motor, da eletricidade e da química. Do capitalismo de pequenas unidades econômicas, chegou-se ao capitalismo dos grandes monopólios. A relativa moderação do conflito social e a



diminuição da indigência nos países mais prósperos não trouxe a paz social, mas, pelo contrário, trouxe uma modificação dos setores em luta: os desprovidos de bens são agora os assalariados rurais e os trabalhadores dos novos países de incipiente industrialização. Das ruínas do liberalismo clássico nasce, no campo ideológico, o neoliberalismo, enquanto que, por seu lado, o velho socialismo se dividiu entre o comunismo soviético e os socialismos moderados. Esta dicotomia neoliberalismo/comunismo passa a ser objeto da atenção da "Quadragesimo Anno".

Todo este conjunto de fatores leva Pio XI a uma nova tomada de posição. De fato, a *Quadragesimo Anno* é a primeira encíclica que contém uma visão orgânica e completa da ordem socioeconômica.

O "gancho" para a constituição do Circulismo pode ser acompanhado na QA35 - *"...a necessidade urgente de opor uma frente única aos inimigos da ordem impedia aos católicos a fundação de sindicatos próprios. Num tal estado de coisas, os católicos vêem-se quase obrigados a inscrever-se em sindicatos neutros, uma vez que façam profissão de justiça e equidade e deixem aos sócios católicos plena liberdade de obedecer à própria consciência e cumprir os preceitos da Igreja. Pertence aos Bispos reconhecerem que tais associações são impostas pelas circunstâncias e não oferecem perigo para a religião, permitir que os operários católicos se inscrevam nelas, observando, contudo, a este respeito as normas e preocupações recomendadas pelo nosso predecessor Pio X. A primeira e a mais importante é que, ao lado dos sindicatos, existam sempre outros grupos com o fim de dar a seus membros uma séria formação religiosa e moral, para que eles depois infiltrem nas organizações sindicais o bom espírito, que deve animar toda sua atividade. Sucederá assim que estes grupos exercerão benéfica influência mesmo fora do próprio âmbito"*. (sublinhado do autor)

Da mesma forma que o Movimento Circulista foi sendo superado em sua filosofia, a encíclica *Quadragesimo Anno* ficava anacrônica. Algumas de suas recomendações soam hoje completamente desatualizadas. Revistas nos dias de hoje, guardam um ranço reacionário e machista - "71- ...as mães de família devem trabalhar em casa ou nas suas adjacências, dando-se aos cuidados domésticos. É um péssimo abuso, que deve a todo custo cessar, o de obrigar (as mulheres) por causa da mesquinhez do salário paterno, a ganharem a vida fora das paredes domésticas, descurando os cuidados e deveres próprios e sobretudo a educação dos filhos". No capítulo 94, a que determina uma ação absolutamente antidemocrática, que contraria direito fundamental do trabalhador - "...É proibida a greve; se as partes não podem chegar a um acordo, intervém a autoridade". A recomendação da QA seria contestada na encíclica *Gaudium et spes* quando fala sobre os sindicatos - "Quando porém, surgem conflitos econômico-sociais, devem fazer-se esforços para que se chegue a uma solução pacífica dos mesmos. Mas ainda que, antes de mais, se deva recorrer ao sincero diálogo entre as partes, todavia, a greve pode ainda constituir, mesmo nas atuais circunstâncias, um meio necessário, embora extremo, para defender os próprios direitos e alcançar as justas reivindicações dos trabalhadores".



A Revolução de 1930

A Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, assinalaria uma brusca ruptura tanto na história do Brasil como no desenvolvimento do movimento operário. A Revolução de 30 representou de fato mais que a simples queda de um governo: *“Rompiam-se por fim”,* escreveu Boris Fausto, *“o quadro sócio-político da dominação oligárquica sob a hegemonia da burguesia cafeeira”.*

Vargas foi o primeiro presidente brasileiro que reconheceu, assim como estimulou, a força do trabalho organizado; tratou de ganhar apoio dos sindicatos ao mesmo tempo que os controlava. Até então a perspectiva predominante para a organização operária seguia uma linha reacionária que fora *“definida”* pelo presidente Washington Luiz como *“a questão operária é um caso de polícia”.*

No dia 26 de novembro de 1930, pouco depois da vitória da Revolução, foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio tendo como titular o gaúcho de São Leopoldo Lindolfo Collor. No dia 19 de março de 31, Vargas (gaúcho de São Borja) promulgou a Lei de Sindicalização, de nítida inspiração corporativista, baseada na Carta Del Lavoro de Mussolini, elaborada por seu ministro do Trabalho. O decreto regulava a sindicalização das classes patronal e operária, inovando em pontos insólitos e cruciais. Em primeiro lugar, definia o sindicato como órgão consultivo e colaborador do poder público (sic), instituindo uma série de mecanismos de subordinação do sindicato ao Ministério do Trabalho.

Outra iniciativa de grande impacto sobre a situação trabalhista seria a promulgação da Lei do Amparo ao Trabalhador Brasileiro Nato, em agosto de 1931, que garantia a presença mínima de 2/3 de empregados nacionais em quaisquer estabelecimentos industriais e comerciais. Estava assim delineada a Legislação Trabalhista do governo de Vargas.

A natureza e a orientação do próprio regime de Vargas, lembra o professor norte-americano Howard Wiarda, ofereceram um clima propício para fundação e crescimento do movimento operário católico, já que este comungava na luta contra o comunismo e anarco-sindicalistas e suas metas eram limitadas, não revolucionárias e de certa forma paternalistas. Nestas circunstâncias, os círculos operários foram para Vargas, *“mais um instrumento para controlar o poder crescente da força operária no Brasil e mantê-lo dentro de limites cuidadosamente definidos”.* Corroborava com Wiarda o fato que, durante o período do Estado Novo de Vargas, 1937-1945, ter-se constituído em época de crescimento e prosperidade sem precedentes para o movimento operário católico. Os Círculos recebiam reconhecimento oficial do governo e foram beneficiados dos seus favores.

Vargas, pessoalmente, assim como vários de seus ministros do Trabalho, elogiavam o movimento por sua habilidade em conciliar disputas e resolver conflitos de classe e pedia assistência de líderes católicos para dar uma direção sociocristã aos programas trabalhistas e sociais do Governo. Nesta linha de ação, para Vargas, os princípios e o foco de missão circulista tinham o figurino exato para servir ao *“Governo Provisório”*, que, como dissemos, havia inaugurado a política do *“pacto social”*, ou seja, da colaboração entre capital e traba-



Iho por meio da mediação do Estado, lançando as bases da legislação que posteriormente seria agrupada na Consolidação das leis do Trabalho (CLT) em 1943.

O Professor Álvaro Barreto no seu livro *“Propostas e contradições dos Círculos Operários”* observa com propriedade esta comunhão de propósitos, oportuna e suspeita, citando um trecho da encíclica *Rerum Novarum*, que junto com a *Quadragesimo Anno* são os documentos básicos do Circulismo: *“28 - O erro capital na questão presente é crer que as duas classes são inimigas natas uma da outra, como se a natureza tivesse armado os ricos e os pobres para se combaterem mutuamente num duelo obstinado. Isso é uma aberração tal, que é necessário colocar a verdade numa doutrina contrariamente oposta, porque, assim como no corpo humano os membros, apesar da diversidade, se adaptam maravilhosamente uns aos outros, de modo que formam um todo exatamente proporcionado e que poderá chamar simétrico, assim também, na sociedade, as duas classes estão destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio”*.

Mais à frente, Barreto volta a citar que é na encíclica *Quadragesimo Anno* que a questão das organizações de trabalhadores ganha impulso, pois, *“O pensamento de Pio XI se orienta no sentido não apenas de apontar uma linha equidistante, mas de elaborar um modelo equidistante dos extremos do totalitarismo socialista e do liberalismo. É com essa inspiração que ele propõe o corporativismo cristão, que entre o individualismo liberal e o estatismo totalitário, privilegia os grupos intermediários, as comunidades reais, notadamente de natureza profissional, as corporações”*.

Como se vê, os princípios circulistas não foram moldados para servir ao novo governo de Vargas e colocados em prol da consolidação de seu poder, como muitos supõem. Ou mal ou bem (o mérito ficaria para ser julgado com o tempo), a declaração de princípios do Circulismo e sua praxis derivaram das posições sociais da Igreja Católica, expressas em documentos oficiais e corroboradas por meio de seus pensadores mais ilustres. Na realidade, foi Vargas que se apropriou, entre outros, dos postulados do Movimento para conduzir e aprovar a promulgação de sua legislação trabalhista e contornar os graves problemas sociais.

Resumindo, os quatro fatores principais para a fundação e expansão do Movimento Circulista se resumem em:

- Vocação social, talento e disposição ao trabalho de padre Leopoldo Brentano;
- A intenção declarada da Igreja Católica em participar mais ativamente na sociedade, por meio da fundação do Centro Dom Vital, Ação Católica Brasileira, etc.;
- Revolução de 1930 que levou Getúlio Vargas e a comunhão de propósitos de Vargas com os postulados do Circulismo;
- Promulgação da encíclica *Quadragesimo Anno* em 1931, que aprofundava a análise da questão operária delineada na *Rerum Novarum*.



Crescimento e apogeu do Circulismo

Com o apoio do governo Vargas, a ajuda declarada e efetiva de todo alto clero brasileiro, da estrutura administrativa e logística da Igreja e dos maiores pensadores católicos, como Alceu de Amoroso Lima, que prefaciou o Manual Circulista de 1936, o Movimento rapidamente se alastrou, chegando ao seu apogeu nas décadas de 40 e 50.

Em todo território nacional havia Círculos, inclusive na Ilha de Marajó, a maioria formando lideranças sindicais católicas, reivindicando melhorias salariais e condições de trabalho, mas, sobretudo, lutando contra a infiltração comunista em sindicatos e associações de trabalhadores.

Na cidade de São Paulo ficaram famosas as romarias realizadas no Dia do Trabalho (1º de maio), quando milhares de operários circulistas saíam em caravana a pé do centro da Cidade até o bairro da Penha, através da avenida Celso Garcia, terminando o evento em missa campal frente à Igreja da Nossa Senhora da Penha, seguida de gigantescos comícios prestigiados pelas altas figuras do clero e autoridades sindicais católicas.

Nesta mesma época, o mesmo fenômeno se repetia em inúmeras capitais e grandes cidades brasileiras. Círculos e Federações contavam com o beneplácito da cúpula da Igreja e dos governos estaduais e federal. Com esta ajuda, todas unidades circulistas puderam “conquistar” suas sedes e formar seu patrimônio imobiliário. (1)

A decadência e seus motivos

“Seguindo orientação de dom Helder Câmara, assistente nacional da Ação Católica Brasileira, em 1952 a Igreja Católica fundava a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, entidade que nascia com o propósito de coordenar e subsidiar as atividades de orientação religiosa de beneficência, de filantropia e assistência social”.

Ficava claro, portanto, que o projeto da Igreja era tomar para si o trabalho que vinha sendo feito por entidades civis laicas de inspiração católica, como irmandades e círculos operários, que juridicamente não se subordinavam a sua hierarquia e sim aos associados, dentro do que determinava o Código Civil. Nesta linha surgiram as pastorais e as Comunidades Eclesiais de Base - CEBs.

A crucial mudança não foi sentida ou talvez menosprezada pela alta direção do Circulismo nacional, talvez por sua insensibilidade ou por não acreditar que o projeto da CNBB tivesse tamanha envergadura e tampouco fosse adiante. E, realmente, nos seus primeiros anos a CNBB não mereceu crédito, mas paulatinamente foi sendo reconhecida, conquistando posição fundamental na Igreja brasileira, assumindo o papel de porta-voz da hierarquia eclesiástica.

(1) A sede da Fetcesp foi construída em terreno doado pelo governador Carvalho Pinto, por meio de trabalho realizado por Frei Celso Maria de São Paulo.



Com a posse do papa João XXIII em 1958, a CNBB se fortaleceria sobremaneira, já que seus postulados iam ao encontro das propostas e mudanças preconizadas pelo Pontífice, que ressaltava em seus pronunciamentos e documentos oficiais a determinação da Igreja na opção pelos pobres e em lutar efetivamente pela justiça social.

Se bem que o abandono da Igreja fosse o acontecimento mais importante para a decadência do Circulismo, outros fatores negativos vieram se somar para o esvaziamento do Movimento. Muitas de suas bandeiras defendidas originalmente, como a luta feroz contra o comunismo, tinham técnicas de ação superadas e já não era mais uma tarefa necessária e indispensável da Instituição. Outros agora, como por exemplo o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), faziam-no com mais recursos financeiros e mais competência. Por seu lado, as leis trabalhistas haviam evoluído e, mesmo considerando ainda seu caráter corporativista, o fato é que muitos direitos, que por longos anos vinham sendo reivindicados pelo proletariado, haviam sido alcançados.

Na formação de mão de obra e na busca de melhorias para o bem estar do trabalhador, instituições como o Senai, Sesi, Senac e Sesc, subordinados à Confederação Nacional da Indústria e à Confederação Nacional do Comércio, ambas contando com enormes recursos, ocupavam um espaço importante na vida do trabalhador das cidades. Nos centros urbanos, entidades como associações amigos de bairro, Rotarys e Lions foram proliferando e tomando espaços e simpatizantes.

A Previdência Social, por sua vez, a partir da aprovação da Lei Orgânica de 1960, havia ampliado os direitos dos segurados de diferentes institutos. Por meio dela foi estabelecido o auxílio-maternidade e aumentadas as aposentadorias e pensões. A expansão da Previdência criou também hospitais, postos de atendimento médico e de assistência jurídica. Ainda no campo da saúde, em 1987 foi criado o Sistema Unificado de Saúde - SUS e, na sua esteira, vieram as UBSs - Unidades Básicas de Saúde. Clínicas e serviços dentários populares foram sendo espalhados pelas periferias. Quanto ao sindicalismo, este foi tendo seus quadros profissionalizados e estruturados dentro da linha chamada "sindicalismo de resultados", que alcançaria seu apogeu nas greves do ABC.

Outro fator, este de cunho comportamental, vinha se agregar aos problemas que afligiam o Circulismo. A televisão, implantada no Brasil no início da década de 50, popularizava-se e, gradativamente, passara a alterar os hábitos da sociedade, principalmente das classes média e baixa, tornando-se fator determinante para manter o operário em casa. Trazê-lo à militância circulista tornava a ser uma tarefa árdua. Somava-se a tudo isso o fato de que os círculos, na sua origem fundados nas periferias das cidades, encontram-se agora em bairros de classe média pelo próprio desenvolvimento urbanístico.



O Erro Fatal

Em 1964, durante o atribulado governo do presidente João Goulart, foram realizadas diversas manifestações públicas contra o perigo de “comunização” do País, medida que, supunha-se, vinha sendo preparada de forma velada no seio do poder. Uma destas manifestações, aliás a maior delas, foi a “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”, realizada às vésperas do golpe militar de 31 de março. Por trás deste aparente movimento popular contra Goulart, havia também escusos interesses americanos, que poucos anos antes tinham perdido Cuba dos seus domínios.

Pautado no seu costumeiro anticomunismo, o Circulismo paulista contribuiu na articulação da “*Marcha da Família*”, ficando aliado aos setores conservadores da Igreja. Dada a intensa propaganda contra o governo de João Goulart, naquele momento esta posição pareceu acertada, indo ao encontro da aspiração e desejo da militância e da população. A partir de 1966, a Revolução Militar, que até então tinha apoio quase unânime de todos os segmentos sociais, políticos e empresariais, começou a encontrar oposição, principalmente depois da decretação dos Atos Institucionais que foram cassando direitos, restringindo liberdades e promovendo repressão violenta e até tortura contra aqueles que se opunham ao governo. A situação de confronto e de medidas de exceção culminaria na decretação do Ato Institucional 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968, que prendia jornalistas, líderes sindicais e estudantes e cassava parlamentares.

Diante do quadro de ditadura militar e suspeitas de tortura contra os opositores do regime, setores importantes da sociedade, como a Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, a Associação Brasileira de Imprensa - ABI, intelectuais e principalmente o clero de São Paulo, tendo à frente o cardeal dom Paulo Evaristo Arns, vieram a público manifestar sua contrariedade.

Com a pecha de ser uma instituição conservadora e de direita por sua luta exacerbada contra comunistas, o Circulismo teve a oportunidade de se redimir, alinhando-se aos setores de vanguarda, o que melhoraria sua imagem e, possivelmente, criaria condições para voltar ao seio do clero paulista; mas, mais uma vez os dirigentes não tiveram sensibilidade para compreender aquele momento, acabando por se omitir, passando a impressão de continuarem ao lado do regime militar. Esta posição equivocada traria uma marca negativa na imagem do Movimento, tanto junto à Igreja Católica como nos setores intelectuais da sociedade.

Mesmo durante o período em que foram realizadas as gigantescas manifestações a favor das eleições denominadas “*Diretas Já*”, o Circulismo oficial ficou omissa, como se no fundo não concordasse com tal reivindicação. Era a pá de cal. Ao final da década de 60, os Movimentos Circulistas paulista e brasileiro estavam combalidos e desarticulados.



ONGs e Terceiro Setor

Como instituição sem fins lucrativos, o Novo Circulismo, assim como o Circulismo clássico, se incluem entre as chamadas ONGs (Organizações Não Governamentais) ou entidades do Terceiro Setor (TS), nomenclatura que usaremos neste trabalho.

A definição de Terceiro Setor (TS) surgiu na metade do século 20 nos Estados Unidos. Ele seria uma mistura dos dois setores econômicos clássicos da sociedade: o público representado pelo Estado e o privado representado pelo empresariado em geral. O TS consiste em organizações cujos objetivos principais são sociais, em vez de econômicos. A essência do setor engloba instituições de caridade, organizações religiosas, entidades voltadas para as artes, organizações comunitárias, sindicatos, associações profissionais e outras organizações voluntárias.

O traço comum que une todas estas organizações é serem orientadas por valores: criadas e mantidas por pessoas que acreditam que mudanças são necessárias e que desejam, elas mesmas, tomarem providências neste sentido. Segundo o autor Mike Hudson, a filosofia que permeia quase todos os aspectos do TS é o desejo humano de ajudar outras pessoas, sem a exigência de benefícios pessoais.

De acordo com Mário Aquino Alves, pesquisador da fundação Getúlio Vargas, *“A expressão TS nasceu da ideia de que a atividade humana é dividida em três setores: um primeiro setor (Estado), em que agentes públicos executam ações de caráter público; um segundo setor (mercado), no qual agentes privados agem visando fins particulares; e um terceiro setor relacionado às atividades que são simultaneamente não governamentais e não lucrativas”*. Aquino Alves define o TS como *“espaço institucional que obriga ações de caráter privado, associativo e voluntarista, que são voltadas para a geração de bens de consumo coletivo, sem que haja qualquer tipo de apropriação particular de excedentes econômicos que sejam gerados nesse processo”*.

Em qualquer das definições do Terceiro Setor, o Movimento Circulista, seja o clássico, como o Novo Circulismo que propomos, encaixa-se perfeitamente.

A importância do Terceiro Setor na economia e na atividade social

Até recentemente, o Terceiro Setor estava em declínio, como estão os círculos. Ideias e serviços que tinham nascido com o terceiro setor estavam sendo gradativamente absorvidos pelo Estado. É o caso específico do Movimento Circulista, onde muitas de suas reivindicações, defendidas galhardamente nas décadas de 30, 40 e 50, acabaram sendo atendidas pelo poder público.

Nos últimos 10 anos, no entanto, o Terceiro Setor vem obtendo um grande desenvolvimento. Seu alcance é agora tão grande que afeta praticamente a todos. No seu livro *“Administrando Organizações do Terceiro Setor”*, o autor inglês Mike Hudson afirma que *“nossas vidas são afetadas pelo terceiro setor mais de uma vez por semana e às vezes mais*



de uma vez por dia". Em seu trabalho publicado em 1995, Hudson dá uma dimensão do Terceiro Setor na Inglaterra, que reproduzimos abaixo:

Terceiro Setor inglês - 1995	Números de Organizações
Instituições de caridade registradas	170.000
Trustes hospitalares	320
Universidades	88
Colégios de ensino superior	550
Organizações de arte subsidiadas	1.500
Associações de moradia	2.200
Escolas mantidas por doações	830
Sindicatos	300
Organizações de empregadores	200

Se no levantamento de Hudson fossem incluídas igrejas, clubes, organizações esportivas e entidades não registradas, este número chegaria a 500.000 instituições, com movimento financeiro superior a 60 bilhões de Libras anuais.

Segundo os professores Francisco Paulo de Melo Neto e César Froes, hoje o Terceiro Setor movimenta recursos equivalentes a 4,7% do PIB mundial. Dados de 1995 dão conta que, naquele ano, as atividades sem fins lucrativos movimentaram cerca de US\$ 1,1 trilhão em 22 países. Sua presença é maior nos países desenvolvidos, em especial Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Bélgica, Holanda, Suécia e outros. Somente nos Estados Unidos, 40 mil fundações empresariais investem anualmente US\$ 400 bilhões, aproximadamente R\$1 trilhão.

Na Europa Ocidental, o Terceiro Setor corresponde em média a 5% da economia. Na América Latina, a média cai para 2,1%. No Brasil, os investimentos sociais giram em torno de 0,5% do PIB. Uma pesquisa realizada pela acatada empresa de consultoria Kanitz & Associados estimou em R\$ 1,728 bilhão o total de investimento pelas 400 maiores entidades filantrópicas do Brasil em projetos sociais. Para Augusto Franco, conselheiro da Comunidade Solidária, estima-se que existem hoje, no mínimo, 250 mil organizações do Terceiro Setor no Brasil.

Porque cresce o Terceiro Setor

Quais as principais causas que têm levado o Terceiro Setor a um tal crescimento, a ocupar um lugar cada vez maior na mídia e transformar-se em preocupação da grandes empresas? Na opinião de Melo Neto e Froes, as razões são diversas:

- crescimento das necessidades socioeconômicas;
- crescimento do desemprego e da economia informal;
- crise do setor público;



- fracasso das políticas sociais tradicionais;
- crescimento dos serviços voluntários;
- colapso do socialismo na Europa Central e do Leste;
- degradação ambiental que ameaça a saúde humana;
- crescente onda de violência que ameaça a segurança das populações;
- incremento das organizações religiosas;
- maior disponibilidade de recursos a serem aplicados em ações sociais;
- maior adesão das classes alta e média a iniciativas sociais;
- maior apoio da mídia;
- maior participação das empresas que buscam a cidadania empresarial.

A importância do Terceiro Setor no aperfeiçoamento democrático

Traduzindo as aspirações de liberdade, igualdade e justiça, a democracia, além de ser uma forma de governo ou de um regime político, é um valor permanente que corresponde às exigências ou à aspiração fundamental do ser humano de tornar-se senhor de seu destino.

O ideal democrático é uma das forças mais poderosas na transformação das sociedades. Os diferentes Estados chamados democráticos, incluindo o Brasil, ainda não passam de aproximações, de realizações provisórias e imperfeitas de ideia democrática ou, como afirma Hegel, "*de momentos do processo de democratização das sociedades humanas*". Nas sociedades modernas, o sistema de representação de interesses inclui o sistema político, mas não se restringe a ele.

A consolidação e o aprofundamento da democracia requerem que se aperfeiçoem os canais de representação da sociedade civil, como sindicatos, associações de classe, clubes de serviço, sociedades amigos de bairro, enfim, entidades sem fins lucrativos de cunho social, hoje denominadas de Terceiro Setor. A este, não basta estimular tão somente práticas de participação, mas estabelecer as condições institucionais para que a vontade organizada dos cidadãos - aqui entendidos não só como produtores, consumidores e eleitores, mas origem, titular e finalidade de toda a ordem social - interfira de modo fundamental nas grandes decisões econômicas e políticas. O consagrado autor Peter Drucker, um dos gurus contemporâneos do Terceiro Setor, corrobora com o enunciado afirmando que "*uma instituição sem fins lucrativos existe para provocar mudança nos homens e na sociedade*".

Vivemos hoje um estado de coisas que, por um lado, nos obriga a transformar a nossa visão de mundo e, por outro, nos oferece enormes oportunidades de reinvenção. São tempos em que podemos ver antigos sistemas se desfazendo e novas democracias nascendo, tempos em que se percebe uma intensificação das preocupações com a ética em relação a décadas de oportunismo e individualismo. O sociólogo alemão Clauss Offe defende a tese que está em curso uma gigantesca reforma nas relações do cidadão com o



governo. Para Offe, *"ao lado do Estado e do mercado, entidades do terceiro setor e as igrejas vão formar uma nova ordem social"*. Esta nova ordem social surgiu em decorrência da falência do Estado do bem-estar social, principal devedor de serviços sociais aos cidadãos. A falência do Estado e o apogeu do liberalismo, com a concepção do Estado Mínimo, paralisou o Primeiro Setor, que é o próprio Estado. Milhões de cidadãos tornaram-se órfãos do Estado, do bem-estar social morto, enterrado e esquecido nos escombros deixados pela onda liberal que, tendo começado na Inglaterra, alastrou-se por todo o mundo. Agora o que fazer? Os movimentos sociais, as entidades do Terceiro Setor, as igrejas e os cidadãos mobilizam-se para criar uma nova ordem social. Por outro lado, é fundamental e indispensável que a ação pública seja amparada por instituições qualificadas e representativas, num cenário cada vez mais presente de minimização do aparelho estatal. A atuação de um Estado grande e um Governo forte é substituída pelo surgimento de uma ação comunitária forte, atuante, reivindicatória e mobilizadora.

É o advento de uma mudança radical nas relações entre o Estado, as empresas e a sociedade civil. Na concepção de Offe, é a nova ordem social que surge, sendo sua principal base a estruturação e o funcionamento do Terceiro Setor.

Esta nova ordem social tem as seguintes características:

- predomínio da ação comunitária sobre a ação estatal e empresarial;
- mudanças profundas nas relações do cidadão com o governo;
- surgimento de uma nova concepção de Estado;
- substituição dos interesses corporativos pela hegemonia do interesse social;
- surgimento de novas instituições sociais;
- diminuição da influência da burocracia estatal e aumento da influência das entidades comunitárias;
- emergência de redes de solidariedade social.

"São grandes as mudanças nas relações do cidadão com o governo", afirmam os professores Francisco Paulo de Melo Neto e César Froes no seu livro "Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial", "Agora, o cidadão não mais depende do Estado para lhe conferir cidadania. Ele próprio exige cidadania, pois sabe que na falta de um Estado provedor de cidadania, ele pode contar com os serviços comunitários provedores de cidadania. As entidades de direito civil, os movimentos sociais e as igrejas são os mais novos provedores de cidadania. Por meio deles, o cidadão conhece os seus direitos, faz valer os seus direitos na mediação dos conflitos com o Estado e as empresas obtêm emprego e os serviços essenciais". Continuam Melo Neto e Froes: "É o exercício da 'cidadania responsável' que surge da base, oriunda da influência e das ações das entidades comunitárias. Não é aquela cidadania antes conferida e legitimada pelo Estado, carente das ações do governo. Mas, e sim, a cidadania que é obtida e assegurada através das ações efetivas da comunidade. Trata-se de uma 'cidadania conquistada', participativa e autossustentada, pois não depende de direitos assegurados, mas que nasce da luta e mobilização constante dos interesses do cidadão junto aos poderes executivo, legislativo e judiciário".



Assim, emerge uma nova concepção do Estado. Não mais o Estado burocrático e totalizante, o Estado do bem-estar social e, nem tampouco, o Estado Mínimo dos liberais. Deparamo-nos com um novo Estado: o Estado inserido no novo pacto social. O Estado comprometido com a sociedade civil, cujo papel dominante é o exercício pleno do seu poder social, controlando os excessos do mercado, das empresas inescrupulosas, dos burocratas perdulários e corruptos, regulamentando serviços prestados pela iniciativa privada, realizando investimentos sociais e atuando em parceria com as empresas e a sociedade civil na busca de soluções duradouras para a eliminação do déficit social.

O Circulismo visto através da Fetcesp

A Federação de Trabalhadores Cristãos de São Paulo - Fetcesp - é um organismo vivo e atuante. Sua diretoria e conselhos são compostos por idealistas e abnegados que tudo fazem para preservar e difundir os princípios doutrinários do Movimento Circulista e conservar seu patrimônio filosófico e imobiliário, mas, sobretudo, tem como finalidade colaborar com os filiados. Há, no entanto, uma dificuldade intransponível que se antepõe à Fetcesp: os filiados são instituições autônomas com CNPJs próprios e regidas pelo Código Civil. Portanto, apenas os associados em Assembleia Geral podem determinar suas ações, eleger ou depor suas diretorias.

Em artigo que escrevemos para o boletim Forças Novas, afirmamos que, diante desta situação, a Fetcesp pouco pode fazer. Ficamos restritos a conselho e ajuda, quase sempre em espécie, para salvar o filiado, sem poder interferir de fato e de direito em suas diretorias e administração. A rigor, a Fetcesp é salva-vidas e pronto-socorro. Pior: a Federação só é procurada em última instância para resolver problemas que poderiam ser sanados facilmente se atacados na origem.

Há outros fenômenos que acontecem neste sistema: se um filiado vai bem e prospera, deixa de mandar notícias e se encastela em seu sucesso, não transmitindo seu conhecimento ou colaborando com seus coirmãos. Algumas vezes até se retira do Movimento, desfiliando-se e mudando ligeiramente seu nome (1). Foi este o caso do Círculo Operário do Ipiranga, um dos mais antigos do Brasil, que passou a se chamar Círculo Social do Ipiranga, largando o Circulismo quando possuía um enorme hospital, colégio e colônia de férias. Hoje, o complexo está em mãos do grupo São Camilo, transferido à revelia da Fetcesp, numa transação obscura e longe do nosso conhecimento.

Outros distorcem os objetivos da entidade promovendo apenas bailes ou esportes, sem nenhum compromisso doutrinário ou com os objetivos clássicos do Circulismo. A solução para conter tais desmandos faz parte das inovações do Novo Circulismo.

(1) O Círculo Operário do Ipiranga mudou seu nome na década de 50. Nos dias atuais a Fetcesp tem elementos para sustar tais desligamentos. Não podemos ceder nome e logotipo, emprestar a credibilidade do Movimento Circulista e depois deixá-lo se desligar sem indenização.



FETCESP - Federação de Trabalhadores Cristãos de São Paulo



CTCVP - Círculo de Trabalhadores Cristãos de Vila Prudente



O NOVO CIRCULISMO

O Novo Circulismo se distingue do Circulismo clássico por diversos fatores, alguns deles já abordados de passagem em capítulos anteriores. Vou, contudo, ordená-los, justificá-los e aprofundá-los.

1) Mesmo considerando que a missão de promoção do trabalhador ainda seja mantida, o Novo Circulismo tem objetivos mais atuais e mais amplos e sempre sujeitos à alteração conforme as circunstâncias e as necessidades da comunidade onde a unidade está instalada. Contudo o NC dará destaque ao atendimento da Terceira Idade e à prevenção de drogas, por meio de implantação de programas que cativem o jovem, como música, esportes, oficinas com cursos intensivos de geração de rendas, etc. Tomaremos como exemplo o estatuto do Círculo de Vila Prudente. (ver página 34)

Especificamente sobre o atendimento à Terceira Idade, há uma descrição mais detalhada em página própria.

2) As novas unidades circulistas serão administradas por profissionais, preferencialmente assistentes sociais, que conheçam toda a legislação pertinente ao Terceiro Setor, e saibam como participar de editais de governo ou fundações. Daremos prioridade àqueles que residam na região onde o novo círculo será implantado. Os mesmos serão registrados na Fetcesp, sob o que determina a CLT ou Pessoa Jurídica (PJ). Antes de iniciar seu trabalho na unidade, receberá cursos intensivos de administração e conhecerá a história do Circulismo. Voluntários assinarão termo próprio. A meritocracia baseada em resultados e qualidade dos serviços será o parâmetro para avaliação do administrador da unidade. Indo bem, o administrador crescerá com a instituição, melhorará seu salário e será promovido. Não funcionando, ou funcionando com mediocridade, será desligado conforme a lei.

3) Apesar das novas unidades serem regidas pelo Código Civil e terem CNPJs próprios, elas não terão associados com direito a voto. Os frequentadores serão apenas usuários e pagarão pequena taxa pelos serviços que desfrutarem. A diretoria administrativa e o conselho fiscal serão membros da direção da Fetcesp.

4) Se demonstrar vocação circulista e vontade de participar do Movimento, um “usuário” da nova unidade, será convidado a fazer curso de liderança proporcionado pela Fetcesp. Tal curso poderá ser presencial ou virtual. Com o título em mãos, o candidato terá direito a votar e ser votado após dois anos de sua matrícula no filiado.

Nota : A questão associado-usuário e direito a voto é objeto de apreciação de juristas e hermeneutas. A Fetcesp aguarda parecer de advogados sobre o tema. O fato é que, de nenhuma forma, queremos perder a soberania sobre o novo filiado e, tampouco, sobre os que fundaremos no futuro. Tomemos por base as grandes redes de lojas, igrejas e empresas como a Ford, Volks, etc.

5) Toda nova unidade circulista fundada sob a égide do NC tem por obrigação se integrar de fato à comunidade a que pertence. Isso quer dizer viver seus problemas, procurar soluções para saná-los, promover ou participar dos movimentos reivindicatórios e,



na medida do possível, encaminhar tais reivindicações a quem de direito e cobrar decisão.

6) A sede da unidade não fará distinção partidária ou ideológica. Todos políticos com mandato, assim como autoridades que possam potencializar as reivindicações locais, serão bem-vindos. Em qualquer tempo a nova unidade deverá promover debates com lideranças locais, tratando de temas que beneficiem a população da comunidade.

7) As unidades circulistas do NC serão implantadas preferencialmente na periferia das cidades, em locais onde se faz mais necessária nossa presença.

8) As sedes do NC serão alugadas ou construídas com recursos da Fetcesp ou captados por ela, mas obrigatoriamente devem obedecer um desenho arquitetônico próprio, qual seja, ter dois pavimentos. Num deles um salão de múltiplas utilidades, dentre as quais o aluguel para geração de recursos. No outro, salas para cursos intensivos que proporcionem a geração de rendas aos alunos.

8) Haverá um sistema profissionalizado de captação de recursos para tornar a unidade autossustentável e criar reservas para promover ações sociais. Contudo, pesquisas recentes apontam que o melhor caminho para uma entidade social subsistir é gerar receitas próprias, seja alugando o salão de festas, como promovendo eventos e bazares, vendendo artigos produzidos pela entidade. Há uma farta literatura a respeito que será colocada à disposição do responsável pela unidade. Convênios com órgãos governamentais, grandes empresas ou fundações podem ser celebrados, mas ressaltando que tais verbas chegam “carimbadas” para programas específicos.

9) Toda nova unidade do NC será totalmente leiga, não tendo nenhuma conotação religiosa em seus estatutos, em sua prática cotidiana, regimentos internos e material publicitário. Como rege o Código Civil, não faremos nenhuma discriminação de raça, cor, credo religioso, gênero e opção sexual.

10) As unidades do NC serão denominadas Círculos de Trabalhadores ou Círculos Operários, acompanhados do nome da localidade onde estiverem instalados.

Estratégias para implantação e desenvolvimento do Novo Circulismo

A intenção da Fetcesp é iniciar o movimento do Novo Circulismo em um dos 39 municípios que constituem a Grande São Paulo. Todos eles se encontram relativamente próximos da sede da Fetcesp e podem ser visitados com alguma facilidade. Juntos, estes municípios somam uma população de 21,5 milhões de habitantes.

Tivemos experiências com duas destas cidades, a de Itaquaquetuba e de Guarulhos, falando diretamente com seus respectivos prefeitos. Ambos estiveram no Círculo de Vila Prudente para verificar *in loco* o trabalho desenvolvido pela entidade e como o mesmo poderia ser replicado na sua região.

Fizemos aos dois chefes do Executivo a mesma proposta: o município nos cede em comodato uma área aproximada de 5 mil m² na periferia da cidade, em local que nossos



programas possam atender uma população que carece de tais serviços. O prazo do comodato é de 30 anos. Na referida área construiremos a sede dentro de uma planta já preconizada, sobrando espaço para implantação de uma quadra poliesportiva para prática de diversas modalidades e para promoção de festas populares.

Como tal concessão depende da aprovação do Poder Legislativo, e houve eleições recentemente, estamos aguardando resposta, sendo a mais provável a de Guarulhos.

O porquê da prevenção de drogas no Novo Circulismo

Estatísticas apontam que o álcool e as drogas estão na origem da maioria esmagadora de crimes e na base da delinquência infantojuvenil. Como o tratamento de um viciado é tarefa de especialistas, caro e de resultados duvidosos, optamos por trabalhar na prevenção, como faz o Círculo de Vila Prudente no seu Projeto Construindo o Futuro. Ali, este filiado mantém programas ministrados no contraturno escolar, com oficinas de desenho, artesanato, esportes e música. Desde 2015, o professor de música e maestro Lázaro José forma alunos, que depois integram a Orquestra Infantojuvenil Vila Prudente. Há uma frase do maestro que serve como emblema para o serviço que o projeto realiza: *"Jovem que pega em instrumento musical não pega em arma"*.

Porque dar destaque à Terceira Idade

Há quase duas décadas tenho defendido em reuniões da Fetcesp, palestras e artigos publicados no boletim Forças Novas, que o Circulismo deveria se dedicar preferencialmente ao atendimento da Terceira Idade, não apenas promovendo bailes, viagens e lazer, mas atuando de uma forma mais ampla, lutando por eliminar uma infinidade de preconceitos que atinge os idosos.

Este posicionamento é recorrente, pois o estrato etário superior a 60 anos vem aumentando de modo surpreendente, e as cidades, assim como a sociedade e as próprias famílias, não estão estruturadas para acolhê-lo.

Estatísticas atuais do IBGE dão conta que a população brasileira teve um considerável aumento em seu tempo de vida nos últimos 80 anos. Com efeito, em 1940, ao nascer havia uma expectativa de vida de 45,5 anos em média e hoje é de 76,5 anos (acréscimo de 31 anos). Se extrapolarmos os dados para 2040, ou seja, daqui a 20 anos, chegaremos à conclusão, a grosso modo, que viveremos em média 90 anos. Com o avanço da medicina, da melhoria das condições de vida, conhecimento mais profundo da alimentação e cuidados com o corpo, fica claro que não só poderemos viver mais, como envelhecer com saúde e integrado de fato na família, no trabalho e na sociedade, dentro das limitações naturais que toda faixa etária exige.

O que deveria ser efusivamente comemorado vem se tornando um problema. Problema este que poderá ser agravado se não houver um movimento conjunto, integrado



por autoridades governamentais, educadores, entidades sociais como os círculos, clubes de serviço, empresários e principalmente famílias.

O idoso (maior de 65 anos na Europa e 60 anos no Brasil) precisa passar a ser visto de outra maneira, sem os preconceitos que já atingiram etnias, gêneros, opções sexuais e estados civis, por exemplo.

Como o fenômeno da longevidade etária chegou a galope, tanto a sociedade como as próprias famílias ainda não o absorveram, tratando o idoso com preconceitos, muitos deles dissimulados em atitudes de carinho e afeto, que trazem junto sua infantilização e, conseqüentemente, sua paulatina marginalização social.

No campo físico, todo arcabouço arquitetônico das cidades, assim como seus espaços urbanos, não foram planejados para idosos e muito menos para o lazer. A geração que hoje chega à velhice foi criada à sombra de conceitos práticos advindos da revolução industrial e atitudes éticas oriundas dos ensinamentos judaico-cristãos, onde o trabalho é um jugo redentor e o ócio um vício pecaminoso. Com este viés, somado à baixa expectativa de vida, urbanistas planejaram as cidades, com pouquíssimas áreas verdes e espaços de lazer. Há aqui uma outra agravante: compulsoriamente aposentado aos 60 anos, em vista da automação e da informática, um trabalhador terá pela frente 30 anos de ócio, perambulando como um estranho em sua casa, e com reduzidos locais onde pode ter companhia, desfrutar de lazer e transferir conhecimentos, entre outras atividades.

A luta pela valorização da Terceira Idade será uma bandeira que deveremos empunhar, já que o Estado não tem e nem terá condições de acolher a crescente população de idosos.

A Política Comunitária

Além de prestarem serviços que constam de seus estatutos, as unidades do Novo Circulismo devem também e principalmente ser organismos sociopolíticos, onde primam o apartidarismo, a democracia e o pluralismo.

Toda ação política deve estar voltada unicamente aos interesses da comunidade e de seus moradores. Nunca ao militante ou diretor.

O apartidarismo deve ser uma marca distinta do Novo Circulismo. Círculos não são lugares para proselitismo partidário ou ideológico. Ao longo do tempo, esta prática em prestará credibilidade e respeito à entidade.

Lançando-se a cargo eletivo, o dirigente ou militante que tenha posição atuante na instituição deve desincompatibilizar-se da função que ocupa 6 meses antes do pleito. Não é considerado ético, aliás é reprovável, que o referido candidato faça campanha nas dependências da unidade, utilize o renome do Movimento Circulista, sua estrutura ou utilize companheiros para fazê-lo no âmbito da unidade. Da mesma forma, não é permitida a distribuição de publicidade política partidária ou de candidatos de qualquer partido dentro das sedes.



Em nossas sedes deveremos acolher com a mesma distinção e lhaneza de trato todo e qualquer político com mandato ou candidatos a cargos eletivos que representem a região onde está implantada a unidade. Nestes momentos, poderemos reforçar as reivindicações da comunidade e discutir o programa do candidato, indicando-lhe as aspirações e necessidades locais.

O responsável pela unidade deve criar e liderar campanhas comunitárias que visem seu progresso, mas também aliar a entidade a movimentos legítimos que tenham esta finalidade.

As sedes do Novo Circulismo serão abertas para debates de interesse comunitário. Caberá ao dirigente da unidade não só facultar mas também estimular tais eventos. Um secretário lavrará de modo simples e sucinto uma súmula das reuniões. O responsável pelo Círculo encaminhará a quem de direito as reivindicações, pedidos, queixas ou soluções para os problemas. Todo documento enviado às autoridades será escrito em papel timbrado do Círculo e sua entrega devidamente protocolada. A cobrança de providências ficará a cargo do responsável pela unidade, que oportunamente comunicará o resultado aos participantes da reunião.

Exemplos de ação política

1. Há uma área pública disponível na comunidade onde pode ser implantada uma quadra poliesportiva, antiga reivindicação local. Além de esportes, o espaço servirá para realização de festas populares, quermesses, etc.
Discute-se o assunto com os moradores para confirmar se a implantação da quadra é prioritária, por quem e como será administrado o espaço, quem fará manutenção, se será iluminada para utilização noturna, se poderá servir para festas locais e se poderá ser sublocada, por exemplo.
Decididos estes itens e outros correlatos, o responsável pela unidade circulista fará um ofício ao prefeito ou ao administrador regional, onde constará com clareza o local reivindicado, um anteprojeto da quadra e o escopo de sua utilização. Um abaixo-assinado contendo a subscrição de moradores melhorará sobremaneira as chances de se conseguir o objetivo.
Havendo vereadores ou deputados que representem a região, os mesmos deverão ser comunicados sobre o pedido, para que se engajem na reivindicação.
Caberá ao dirigente circulista acompanhar o trâmite do pedido e solicitar solução. Este precisa saber que o serviço público é demorado e soluções desta ordem precisam de acompanhamento férreo e cansativo, muitas vezes obrigando-o a fazer *lobby* nas subprefeituras e câmaras municipais.
2. Um exemplo do CTC Vila Prudente: a subseção da OAB - Vila Prudente pleiteava uma área pública para implantação do fórum local. A referida área, anexa ao Crematório Municipal, tinha cerca de 14 mil m². O Círculo de Vila Prudente foi convidado e aceitou



participar da campanha, colocando toda sua força política em prol da reivindicação. No transcorrer da campanha, os dirigentes do CTCVP tomaram conhecimento que o bairro tinha uma das menores áreas verdes por habitante de São Paulo. Discutido o assunto, resolveu-se mudar o objetivo da campanha. Ao invés de um fórum, a área pleiteada poderia acolher um parque público. A OAB-VP foi comunicada da medida e, em seguida, a campanha pelo parque foi iniciada. De início a comunidade não se interessou, mas gradativamente se engajou e, por meio de dezenas de abaixo-assinados, forçou as autoridades a examinarem a reivindicação. Políticos da região, vendo que a aspiração da comunidade era fundamentada e legítima, apoiaram a iniciativa. Reuniões na sede do Círculo foram acontecendo. Com isso somado à pressão popular, um vereador da região fez uma lei destinando a área ao parque. Menos de 2 anos depois o parque foi implantado e inaugurado e hoje é ponto de referência no bairro.

3. Outro exemplo do CTC Vila Prudente: em um dos subdistritos da região, uma pequena sociedade Amigos do Bairro lutava pela canalização de um córrego. Com pouca representatividade e escasso poder político, a referida sociedade não conseguia fazer avançar sua reivindicação. Verificando que a causa era justa e a canalização do córrego necessária, o CTC Vila Prudente se aliou à sociedade Amigos do Bairro e, com sua força política, convidou o prefeito de São Paulo (na ocasião Gilberto Kassab) a visitar o local. Ele chegou acompanhado dos vereadores, secretário e autoridades da região e, depois de constatar que o pedido era fundamentado e prioritário, comprometeu-se publicamente a realizar a obra, o que foi feito no prazo de 1 ano, ainda em seu mandato. A canalização do córrego permitiu que 2w avenidas fossem construídas em suas margens.

Reforçando e concluindo o capítulo: as unidades circulistas fundadas sob a égide do Novo Circulismo terão como objetivos estatutários a assistência e promoção do associado e da população em situação vulnerável, mas também o erguimento da comunidade em que estão instaladas. Neste sentido, os círculos devem procurar ser caixa de ressonância de suas aspirações, tribuna de discussões e veículo de suas reivindicações.

Isso é o que denominamos política comunitária e que aplicaremos em todas novas unidades.



Aula de smartfone do grupo de terceira idade *Os Sapecas* do CTCVP



Orquestra Infantojuvenil Vila Prudente do CCA Projeto Construindo o Futuro



Considerações finais

Como foi acentuado na apresentação, este projeto que denominei *Novo Circulismo* precisa aprofundamentos e melhorias. A utilização das redes sociais da internet para divulgação do nosso trabalho e para captar recursos é item a ser estudado, assim como a inclusão dos idosos neste mundo novo digitalizado. Também crucial é o desenvolvimento de metodologias para geração de renda e captação de recursos.

A própria configuração física das sedes deve merecer acurada atenção, pois será fundamental para o que pregamos, assim como para produzir receitas. Enfim, o que delineamos nesta obra são ações que visam tirar o Movimento Circulista de sua inércia, mas com a consciência crítica e a esperança que nossos companheiros de todos os quadrantes do Brasil venham enriquecê-la com suas sugestões.

Conclusão

Nos últimos anos, as entidades do Terceiro Setor, também chamadas de Organizações Não Governamentais (ONGs), passaram por mudanças brutais. Muitas sucumbiram ou diminuíram drasticamente por não entenderem o tempo em que viviam. O Circulismo como movimento é uma delas. Outras ganharam relevância extraordinária como a Abrinq e a APAE, por exemplo, que se tornaram referência em seus ramos de atuação, ficando conhecidas em todo o território nacional.

Pesquisas dão conta que o Terceiro Setor gastou mais de R\$11 bilhões em despesas operacionais em 2010, o que corresponde à cerca de 1,6% do PIB. Este número, embora relevante, está muito aquém da representatividade do Terceiro Setor em países mais desenvolvidos, mas explicita oportunidades de crescimento no campo econômico.

Cabe, portanto, ao Circulismo, que já foi um dos movimentos sociais mais importantes do Brasil, lutar para reconquistar sua posição. Não será com medidas paliativas que iremos reencontrar nosso caminho.

A Fetcesp, como órgão coordenador do Circulismo paulista, vê como obrigação suscitar esta discussão e liderar este movimento de renovação.

Atitudes como essa fazem parte da história e comportamento paulistas. O “bandeirantismo” será atualizado em prol do Movimento. É nossa vocação.

NewtonZadra
Presidente da Fetcesp
março de 2021



BIBLIOGRAFIA

Documentos da doutrina social da Igreja

Encíclicas

Rerum Novarum (1891) - Papa Leão XIII - Editora Vozes
Quadragesimo Anno (1931) - Papa Pio XI - Edições Paulinas
Mater et magistra (1961) - Papa João XXIII - Edições Paulinas
Populorum progressio (1967) - Papa Paulo VI - Edições Paulinas
Pacem in terris (1963) - Papa João XXIII - Edições Paulinas
Fides et ratio (1998) - Papa João Paulo II - Editora Paulus

Documentos

Gaudium et Spes (1962) - Concílio Ecumênico Vaticano II - Edições Paulinas

Livros

Lebret, padre L. J. - Princípios para a ação (1959) - Livraria Duas Cidades
Langlois, José Miguel Ibañes - Doutrina Social da Igreja (1989) - Editora Rei dos Livros
Giner, C. & Aranzadi, D - Uma Escola Social (1962) - Edições Loyola
Camacho, Ildefonso - Doutrina Social da Igreja (abordagem histórica) (1990) - Edições Loyola
Maritain, Jaques - Humanismo Integral (1945) - Cia. Editora Nacional
Diversos autores – Consciência social (1991) - Editora Unisinos

Literatura circulista

Manual do Círculo Operário - Confederação Nacional de Operários Católicos (1963)
Oliveira, Paulo de - Iniciação Social (1942) - CNOOC
Brentano, Pe. Leopoldo - Círculos de estudo (1943) - CNOOC
Barreto, Álvaro - Propostas e contradições dos Círculos Operários (1955) - Editora Universitária
Oliveira, Paulo de - Círculos Operários - De Brentano a Rausch (2000) - CBTC
Wiarda, Howard J. - O Movimento Operário Católico Brasileiro (1969) - Universidade de Massachusetts
Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983) - Fundação Getúlio Vargas
Atas e documentos do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Vila Prudente (1940 -2005)
Atas e documentos da Federação de Trabalhadores Cristãos do Estado de São Paulo
Livros de crônicas dos padres da Congregação dos Sagrados Corações
Livro de crônicas da Congregação das Irmãs Franciscanas de São José



Livros sobre filosofia, sociologia e trabalhismo

- De Masi, Domenico - O Ócio Criativo (2000) - Editora Sextante
De Masi, Domenico - O Destino do Trabalho (1999) - José Olympio Editora
Martins, Leôncio Rodrigues - Destino do sindicalismo (1999) - Edusp
Barelli, Walter - O Futuro do emprego (2000) - Lazuli Editora
Pedrosa, Ruy Brito de Oliveira - Movimento Sindical (1996) - Instituto de Promoção Social - IPROS
Tesch, Walter - Cooperativismo de Trabalho, alternativa ao desemprego (1996) - Instituto de Promoção Social - IPROS
Costa, Laerte Teixeira da - Desemprego no Brasil - causas e soluções(1988) - Instituto de Promoção Social - IPROS
Lucena, Manoel Barbosa de - Sociedade em pedaços (2000) - Revista da Fundação Milton Campos
Pedrosa, Ruy Brito de Oliveira - Movimento Sindical (1996) - Instituto de Promoção Social - IPROS
Comte - Sponville, André - Pequeno tratado das grandes virtudes (1995) - Martins Fontes
Barros, Décio Silva - Elementos de Engenharia Social (1975) - Editora do Escritor
Abreu, Maria Célia de - Velhice - Uma nova paisagem (2017) - Editora Ágora
Artigos publicados na revista Mais 60 - editada pelo Sesc

Leitura sobre o Terceiro Setor

- Drucker, Peter F. - Administração de Organizações Sem fins Lucrativos (1999) - Pioneira Administração e Negócios
Pringle, Hamish e Thompson, Marjorie - Marketing Social (2000) - Makron Books
Nanus, Burt e Dobbs, Stephen M. - Lideranças para o Terceiro Setor (2000) - Editora Futura Neto, Francisco Paulo de Melo e Froes, Cesar - Responsabilidade Social & Cidadania Empresarial - A Administração do Terceiro Setor (1999) - Makron Book
Drucker, Peter F - O melhor de Peter Drucker (2001) - Livraria Nobel
Estraviz, Marcelo - Um dia de captador - Zeppelin Editorial
Fundação Abrinq - Guia de gestão - Senac - SP
Lins Barbosa, Maria Nazaré e Oliveira, Carolina Felipe de - Manual de ONGs - Guia prático de orientação jurídica - FGV Editora

